

À GUIZA DE UM
EXPLICAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA
PARA A ACENTUADA PALATALIZAÇÃO
DE /L/ EM ITAITUBA

À GUIA DE UMA
EXPLICAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA
PARA A ACENTUADA PALATALIZAÇÃO
DE /L/ EM ITAITUBA-PA

MARILUCIA BARROS DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

Resumo

À GUIA DE UMA EXPLICAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA PARA A ACENTUADA PALATALIZAÇÃO DE /L/ EM ITAITUBA-PA

O presente trabalho toma como base resultados estatísticos para a avaliação da acentuada palatalização de /l/ em Itaituba-PA. Estuda-se a realização variável da lateral prevocálica /l/, diante de /i j/, como em *inteligente* e *família*, a partir do falar de Itaituba-PA. A pesquisa seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística. Ao todo, foram coletados 36 relatos de experiência narrados por 36 falantes nativos de Itaituba que são filhos de pessoas nascidas também na mesma localidade. Os dados coletados receberam um enfoque quantitativo e qualitativo. Passaram por um tratamento estatístico e foram interpretados à luz da sociolinguística laboviana. Os resultados referentes às variáveis sociais consideradas na pesquisa foram interpretados sociolinguisticamente tomando-se, para isso, a análise das atitudes linguísticas, avaliação que os falantes de Itaituba manifestam durante seus relatos. Os resultados indicam que a palatalização de /l/, diretamente ligada ao falar belenense, é a tendência no falar itaitubense e que essa tendência está relacionada à história de migração da cidade.

Palavras-chave: Variação, palatalização, atitudes linguísticas.

Abstrat

ON A SOCIOLINGUISTICS EXPLANATION FOR THE STRONG PALATALIZATION OF /L/ IN ITAITUBA-PA

This work is based on statistical results of the assessment of strong palatalization of /l/ in Itaituba-PA. It is studied the variable realization of prevocalic lateral /l/, in front of /i j/, e.g. *inteligente* and *família*, as spoken in Itaituba-PA. This research followed the Sociolinguistics' theoretical and methodological position. In total, it was collected 36 texts of personal experience as reported by 36 local speakers, all of which born in the city. The data received a quantitative and qualitative approach. They passed through a statistical analysis and they were interpreted according to the labovian sociolinguistic. The results referring to the social variables were interpreted taking into consideration

the linguistics attitudes analysis, that Itaituba speakers manifest during their stories. The results indicate that the palatalization of /l/ is the tendency at the itaitubense's speech and it is related to the city's migratory history.

Keywords: Variation, palatalization, language attitudes.

Resumen

A MODO DE UNA EXPLICACIÓN SOCIOLINGÜÍSTICA PARA LA ACENTUADA PALATALIZACIÓN DE LA /L/ EN ITAITUBA-PA

El presente estudio se basa en los resultados estadísticos de la evaluación de la acentuada palatalización de la /l/ en Itaituba, Pará. Se ha estudiado la realización variable de la lateral prevocalica /l/, delante de /i j/, como, por ejemplo, en “inteligente” y “familia”, a partir de un corpus de habla de habitantes de Itaituba. La investigación se fundamenta en los supuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística. En total, se han recogido 36 relatos de experiencia narrados por 36 hablantes nativos de Itaituba, los cuales son hijos de personas nacidas en esta misma ciudad. Los datos recogidos han sido tratados bajo los enfoques cuantitativo y cualitativo. Además, se los han sometidos a un tratamiento estadístico y han sido interpretados según la sociolingüística laboviana. Los resultados referentes a las variables sociales que han sido consideradas en la investigación han sido interpretados desde el punto de vista sociolingüístico, para el que se ha tenido en cuenta el análisis de las actitudes lingüísticas, es decir, la evaluación que los hablantes de Itaituba manifiestan durante sus relatos. Así pues, los resultados indican la tendencia a la palatalización de la /l/ en el habla “itaitubense” y que dicho fenómeno tiene relación con la historia de migración de la ciudad.

Palabras clave: Variación, palatalización, actitudes lingüísticas.

O CENÁRIO DA VARIAÇÃO DE /l/

/λ/ é conhecido tradicionalmente na linguística como um segmento lateral palatal. No falar paraense, mais especificamente no belenense, é comum que essa realização encontrada em palha [ˈpaλa] seja também entendida como realização fonética, variante de /l/ quando esse se encontra diante de [i j]. M. B. Oliveira (2007) encontrou no falar de Itaituba a realização [λiʃu], para lixo, em que /l/ passa por um processo de palatalização e é realizado foneticamente como [λ]. Assistemáticamente, essa forma molhada de falar é atribuída ao falar belenense. Existem algumas pesquisas já concluídas e poucas outras em andamento no sentido de indicar se essa realização molhada para /l/ é marcador do falar belenense ou se se estende a todo o Estado do Pará.

Os dados coletados a partir de 1999, cuja análise figurou em M. B. Oliveira (2007), mostram que a palatalização de /l/ integra a identidade linguística de Itaituba e que é uma tendência no falar itaitubense. Dentre as variantes encontradas para /l/ nessa cidade, figuraram como mais recorrentes a forma palatalizada [λ] e a variante alveolar [l]. A hipótese inicial da autora era de que a palatalização fosse favorecida no falar itaitubense, mas que esse uso não se mostrasse tão produtivo quanto se mostrou. Essa hipótese estava relacionada à pesquisa bibliográfica implementada a partir dos atlas linguísticos publicados com base nos dados do Português Brasileiro (doravante, PB). Nesses atlas a palatalização de /l/

mostrou-se praticamente inexistente¹. Como Itaituba é uma área de migração nordestina, especialmente de maranhenses, e que apresenta aspectos culturais ligados à migração que sofreu, esperava-se que a palatalização não se manifestasse de forma tão produtiva nessa cidade. Os atlas revelam que na região Nordeste essa regra é pouco produtiva, aplicando-se, esporadicamente, em contexto de semivogais, como em família. Esses resultados sobre a palatalização de /l/ instigaram a investigação desse fenômeno levando-se em consideração o significado social que os falantes itaitubenses imprimem a essa variante.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SIGNIFICADO SOCIAL

De acordo com Labov (1972), a mudança linguística apresenta dois estágios. No primeiro estágio concentram-se as formas linguísticas desprovidas de significado social. Elas seriam, nas palavras de Pagotto (2003), oscilações, flutuações aleatórias do sistema linguístico. A mudança linguística, para ambos os autores, seria antecedida como um processo de variação que, para Labov (1972), inicia-se nas variações caracterizadas pelas articulações desprovidas de significado social mencionadas. Já para Pagotto (2003), nesse estágio, não se teria propriamente a variação, mas uma espécie de acomodação do trato vocal. Isso caracterizaria um processo estritamente linguístico. A variação iniciaria com a seleção de determinados lugares de articulação para produção de significa-

dos sociais nos quais seriam impressos papéis sociais. As oscilações aleatórias anteriormente citadas seriam formas que poderiam ser selecionadas ou não pelo sistema sociolinguístico. Assim, uma variante implica necessariamente significado social. Nesse sentido, não seria o componente interno que detornaria o processo sociolinguístico. As formas linguísticas seriam carregadas de significados. [λ], nessa perspectiva, passa a ser entendido não como um fonema, mas como uma variante sociolinguística na qual é impresso significado social.

Os resultados estatísticos² referentes aos grupos de fatores linguísticos estabelecidos para a avaliação dos condicionadores da palatalização de /l/ revelaram algumas restrições linguísticas para a aplicação da regra de palatalização. O fenômeno só ocorreu diante de vocoides altos anteriores [i j]. Essas restrições também se mantinham firmes na região Nordeste, Sudeste e Sul do país, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada (cf. Atlas Linguísticos, Silva, 1999, Tasca, 2002). Mesmo assim, em Itaituba, a palatalização de /l/ recebeu *input* igual a 0.86³, o que deve ser explicado pela atuação direta de fatores sociais.

Os Atlas Linguísticos e, curiosamente, trabalhos mais recentes não apontam a realização de /l/, em posição prevocálica, como uma regra variável. Exemplo disso pode ser encontrado nas palavras de Tasca (2002: 276), quando afirma que /l/ se realiza variavelmente em contexto posvocálico, por meio de uma variante velar [ɫ]

ou por meio do *glide* posterior [w]; e “como alveolar, nos demais contextos, isto é, em posição prevocálica, seja em CV ou C2 em CCV”. A autora não faz alusão à realização variável de /l/ em posição prevocálica.

Uma questão que cabe discutir diz respeito ao fato de a palatalização de /l/, praticamente ignorada no resto do país, mostrar-se altamente produtiva em Itaituba. Parece que nessa localidade as restrições têm sido superadas pela atuação de fatores sociais. Assim, é a realidade social de Itaituba, intensamente ligada também às características do seu espaço físico, social que pode dar pistas sobre o alto índice de aplicação da regra em estudo.

PALATALIZAÇÃO DE /l/: UMA MUDANÇA EM PROGRESSO

Tradicionalmente, nos estudos sociolinguísticos, os fatores de ordem social têm, bem como os fatores linguísticos, mostrado seu significado sobre os processos de variação e mudança linguísticas. Comprovadamente, algumas variações e mudanças que eram consideradas livres podem ser facilmente relacionadas a fatores de ordem social e linguística.

Primeiramente, cabe dizer que a regra de palatalização de /l/ se constitui a tendência no falar de Itaituba. Apesar de o fator idade não ter sido selecionado pelo IVARB (programa de regra variável), outros indicadores podem ser usados para corroborar essa tendência (cf. M. B. Oliveira 2007). Antes, vale ressaltar que esse grupo apresentou

uma escala crescente em direção aos mais jovens. Na Tabela 1, estão dispostos os mais altos e os mais baixos índices obtidos para os fatores do grupo de fatores idade.

Esses resultados sugerem, apesar de esse grupo não ter sido selecionado pelo programa de regra variável, que se tem em Itaituba uma mudança em progresso, pois a palatalização cresce em direção aos mais jovens (cf. Labov 1972). Mas, de acordo com Luckesi (2001), avaliar uma mudança em progresso levando-se em consideração apenas a variável idade é um tanto simplista para a complexidade da variação linguística. Outras variáveis precisam ser avaliadas. Mais do que isso, “é necessário que se proceda a uma interpretação qualitativa que integre na sua leitura o maior número de níveis que perpassam essa mudança: o da estrutura linguística, o social e o ideológico” (Luckesi 2001: 136). As projeções podem ser efetuadas a partir de outros grupos sociais e informações relacionadas à estratificação social de uma dada comunidade. Com base nesse ponto de vista, parece adequado lançar mão de informações sobre a vida social de Itaituba no sentido de se explicar essa tendência e o uso acentuado

da variante palatalizada.

Um dos aspectos que devem ser levados em consideração nesse processo é a avaliação. A aceitação ou rejeição de uma determinada variante diz muito sobre seu tempo de vida. Não se sabe qual o tempo necessário para que uma mudança se complete. Entretanto, é possível prever se uma mudança tende a se manter estável ou a perder a guerra no combate entre as variantes.

A partir dos resultados obtidos para a pronúncia do (r) e do (th) na fala dos novaiorquinos, Labov (1976) chegou à conclusão de que a estratificação obtida para as variáveis refletia informações importantes a respeito das concepções fundamentais da sociedade. No caso de Itaituba, parece que isso fica nítido. A inibição da forma alveolar, não-palatalizada [l], por parte dos itaitubenses, pode estar ligada à presença do imigrante nordestino que parece, em alguns discursos, não ser muito bem-vindo à cidade, nem bem visto por essa comunidade pelo fato de estar diretamente ligado à atividade garimpeira.

O imigrante nordestino parece ser, tradicionalmente, visto com certo preconceito pela sociedade dada sua

Tabela 1
Variável idade

Fatores	Ocorrências	P. Relativo
15-25	448/386	.57/.55
26-45	438/536	.49/.48
+ 46	421/531	.48/.46
<i>Input</i>	-	.86

condição socioeconômica-espacial. De acordo com estudo realizado por Miranda et al. (1997), os trabalhadores dos garimpos são, em geral, advindos das zonas rurais nordestinas mais pobres do Brasil e buscam oportunidade de inserção social. Nessa pesquisa foi assinalado, ainda, que os garimpos do Tapajós absorvem grande parte do contingente de garimpeiros do Brasil e que nesses garimpos predominam os imigrantes nordestinos, sobretudo os do Estado do Maranhão. Afirma o autor (op. cit.) que 53,05% dos garimpeiros do Brasil provêm do Nordeste. Desse total, 31,67% são maranhenses, 49% desses maranhenses atuam em garimpos localizados no Pará. Destacam-se na atividade garimpeira do Pará, além dos maranhenses, nordestinos baianos, cearenses e pernambucanos. Esses trabalhadores vêm principalmente de zonas rurais onde há seca. Os garimpeiros são, de acordo com a pesquisa realizada, relativamente jovens e solteiros e apresentam, geralmente, baixos níveis de escolaridade (cf. Miranda et al. 1997).

Apesar de não se ter procedido a uma pesquisa sistematizada a respeito de atitudes linguísticas, há informações importantes, referentes a acontecimentos na vida social de Itaituba e na fala dos entrevistados que podem corroborar a tese de que o alto favorecimento da variante palatalizada, para /l/, está ligado, dentre outros, à presença do imigrante nordestino e sua relação com o garimpo. Isso poderia fortalecer o processo de mudança linguística na cidade.

OS IMPORTADOS

Quando da pesquisa de campo realizada durante o período compreendido entre 1999-2000, pôde-se constatar que os itaitubenses ofereciam certa resistência aos profissionais de outras localidades que vinham assumir cargos na área de educação no Município.

Em Itaituba, até meados de 2000, não havia indivíduos formados na própria cidade para atuarem como professores de 2º grau. A primeira turma formada recebeu grau em outubro de 2000. Como havia uma exigência do MEC de que os professores de Ensino Fundamental (5a à 8 a série) e de ensino médio tivessem diploma de curso superior para atuarem em sala de aula, empreendeu-se na cidade uma espécie de campanha no sentido de se buscar, nas cidades vizinhas, muito especialmente em Santarém, a cidade mais desenvolvida do Médio Amazonas Paraense, professores que já tivessem concluído o terceiro grau e pudessem assumir cargos em Itaituba. Como é comum no Brasil nesses casos, foi apresentado um atraente salário a esses profissionais. Em pouco tempo, a cidade de Itaituba apresentava um número significativo de imigrantes no seu quadro de professores.

No ano de 2000, houve um conjunto de manifestações dos profissionais de educação itaitubenses. Entre as reivindicações estava a demissão dos que eles chamavam de *Importados*. Para eles, esses indivíduos estavam roubando postos de trabalho que lhes pertenciam. Isso pode ser constatado na fala de uma das entrevistadas:

[...] na administração do Botelhu... porque as pessoas qui mereciam istá aqui trabalhandu eli... dêxô na rua... i trôxi pessoas di fora pra cá intão... Às vezi eu falandu comu... as vezi até eu falu assim comu eu nem deveria falá muitas coisa... porque eu... pur causa du meu istudu eu sempri falu issu né?... eu falu assim qui... qui as pessoas qui eli... qui elis trôxeru pra cá// qui eli trôxi pra cá qui u pessual começô a chamá di importadus né?... eu// eu dissi muita das vezi eu falei qui valeu a pena us importadu viri pra cá... porque valorizô a classi istudantil daqui di Itaituba porque terminava u sigundu grau... elis num quiriam mais fazê nada... ficavam aí... sem fazê nada trabalhandu... indu pru garimpu fazendu uma coisa qui... qui nem valoriza tantu a personalidadi delis... i ficavam sem fazê nada i u// us importadu vieru pra cá... quantus i quantus quantus istudanti... jovem daqui... já istão na universidadi né?... porque ficaram porque qui elis ficaram assim?... por causa du dispresu qui elis... pegaru... foram abandonadu... i aí elis si... si impolgaram nissu né? istudá porque... istudandu... a pessoa qui istuda ela é muito valorizada... né?... intão por issu qui eu// qui eu digu NÃO foi erradu... (sim) qui eli não deveria também era abandoná us filhu daqui da cidadi das pessoas qui... u elegeru né? (FB3)

O relato de FB3 demonstra certa insatisfação com o fato de os itaitubenses terem sido preteridos pelo governo que concedeu os postos de trabalho aos santarenos. Apesar de a entrevistada reconhecer que a presença dos *importados* trouxe benefícios para os jovens itaitubenses, pois

isso os incentivou a cursar faculdade, deixa claro que os postos de trabalho deveriam ser ocupados por nativos da cidade. Por outro lado, avalia o trabalho no garimpo como uma atividade sem muito valor. Percebe-se, em seu relato, certa recusa em relação a essa atividade quando diz: “indu pru garimpu fazendu uma coisa qui... qui nem valoriza tantu a personalidadi delis [...]”. Talvez a pessoa que trabalha no garimpo não seja valorizada porque essa atividade carrega consigo certo estigma social e, assim, não é bem vista pelos itaitubenses. Ainda, segundo a informante, é o estudo que valoriza a pessoa. Os garimpeiros, em geral, apresentam baixos níveis de escolaridade. Disso deve decorrer também a avaliação negativa que faz a entrevistada.

Essa rejeição aos *importados* santarenos pode ser uma forma de resistir a um processo semelhante já vivenciado pelos itaitubenses durante o período áureo do garimpo. Nessa época, sentiam-se invadidos, em termos espaciais, e preteridos economicamente, pois quem mais desenvolvia atividades garimpeiras eram os nordestinos. Inclusive, de acordo com alguns relatos, os donos dos postos de trabalho eram nordestinos.

VARIAÇÃO DE /I/, O GARIMPO, SUAS IMPLICAÇÕES

O garimpo, de acordo com Miranda et al. (1997), trouxe muitos conflitos para a Região Amazônica. Dentre eles, pode-se citar: degradação e poluição ambientais e degradação do meio ambiente urbano.

O alto índice de palatalização de /l/ pode guardar relação com o fato de a variante alveolar [l] estar ligada à fala do garimpeiro nordestino, mas muito especificamente àqueles que ocupam postos de trabalho que poderiam ser ocupados por itaitubenses e que modificaram o seu espaço físico e social. Esse comportamento em relação aos nordestinos, especialmente em relação aos maranhenses, que representam os garimpeiros⁴, pode ser comprovado na fala de alguns entrevistados. Note-se que os nativos da cidade culpam os maranhenses pelas mazelas que nela ocorreram a partir da década de 70:

“NÃO... nessa época minha queu/ trabalhei im garimpu num tinha morti... u pessual alí tranqüilu... você podia saí u dia qui você quizesse saí... você avisava se// us colega... qui vinha pra (cá pra) Itaituba... u camarada pegava aquela pudrução mandava pu// eli fazia uma carta... mandava... eli vinha a intregava tudu na// saia dexanu na casa da... das família tudin direitin... num tinha morti num tinha nada... i nem tinha (usura) puro-ru/... qui todú mundu vivi em cima du oru... todú mundu tinha seu oru... num tinha aquela usura qui tem hoji im dia não... u camarada hoji im dia si MAta pur causadi/oru... pur causa di uma grotá... pur causa di (uma coisa)... naquela época não... si EU tinha u meu selviçu... meus colegas chegava i trabalhava juntú comigu... era assim qui era u negóciu... i TÓdus nós era assim... num tinha (genti morta)... num tinha morti num tinha... era uma colegagi só... era mermu qui u camarada tá... dentu duma cidadi

cum aquelis colega assim me... ma coisa era du garimpu... “(MA3).

“i quandu é qui começô essa coisa di briga di mor:ti... assim pelu oru?...” (pesquisadora)

“()... num tô lembradu... eu foi começá essi negóciu di morti di garimpu... () cumeçô chegá genti du Maranhão... (entraru) pra lá... i foi cheganu aquelas coisa... i u já foi atacanu u otu... já foi atacanu u otu... aí qui começô di lá pra cá qui começô aquela... morti... danada... mais pur causa di di negóciu di oru... pur causa dissu...” (MA3).

MA3 desenvolveu atividades garimpeiras no início da implantação do garimpo em Itaituba. De acordo com seu relato, não havia mortes nessa época. Foi a chegada dos maranhenses que trouxe violência à cidade.

Itaituba, até pouco tempo, era conhecida como uma cidade muito violenta por causa do grande número de mortes que aconteciam no garimpo e, até, na zona urbana da cidade, nos fins de semana. De acordo com dados de Miranda et al. (1997), o aumento da atividade garimpeira trouxe inúmeros problemas para as cidades da região Amazônica. Essas dificuldades urbanas decorreram: a) do fato de as cidades não apresentarem infraestrutura para receberem o grande contingente populacional que recebeu; b) da mobilidade do garimpeiro devido à escassez do ouro:

“Os problemas de saúde, subnutrição, prostituição de menores e saneamento básico foram maximizados, chegando certas cidades a ter sua criminalidade comparável à de grandes centros do país. Todo

esse quadro está intimamente ligado à condição social do ‘peão’ que ora é garimpeiro, ora é agricultor, ora é biscateiro, que anda sempre cercado de bares, lixo, prostitutas, violência...” (Miranda et al. 1997: 21).

Esses episódios de violência, na versão dos itaitubenses, estavam sempre relacionados aos maranhenses, pois, segundo eles, os moradores de Itaituba não tinham esse tipo de comportamento, explicam. Isso é confirmado na fala de outro entrevistado:

“[...] u progressu di Itaituba sobri u garimpu... pois::... aquela tempu... () tinha muitas pessoas ()... pessoas qui vinham du Maranhão... i iu diretamen// comu aqui era u pontu di::... encontru di ondi... us garimpêrus saiam para us garimpus... intão tudu qui si acontecia lá fora lá as brigas delis pra lá chegava aqui si encontrava aqui::... i através dessi... dessi encontru aí acontecia muita morti aconteceu... muitas mortis... i: foi naquela tempu qui::... Itaituba tevi aquela fama di::... qui era violentu... i: inclusiv di sábadu pra dmingu... numa/ oportunidade aconteceu::... onzi mortis... mas qui::... aquilu... si// não era nem um filhu daqui da cidadi genti nacida aqui num tinha// num tinha nem um... i hovi muitas mortis... muitas mortis bárbaras mermu mas qui... i issu tudu em... em consequência du ((gaguejando)) du progressu né? da:: ária garimpêra qui::... tinha aí... por ixemplu hoji a genti... ôçu... através da rádiu nacional... é:: aquelas pessoas ali principalmenti du Maranhão [...]aconteceu muitas mortis também aqui nu Itaituba qui mais::... não... invovendu us filhu da

terra... mas sim... rixas di pessoas qui vinham di fora chegavam aqui si encontravam...”(MC3).

O garimpo recebe muitas críticas no que diz respeito à violência que produziu. Os nordestinos, mais especificamente os maranhenses, estão diretamente ligados a essa atividade. As onze mortes que ocorreram num único fim de semana são atribuídas aos maranhenses. O entrevistado deixa bem claro que nenhum itaitubense estava envolvido nos acontecimentos: “[...] onzi mortis... mas qui::... aquilu... si// não era nem um filhu daqui da cidadi genti nacida aqui num tinha// num tinha nem um[...]”

Outro incômodo trazido pelo garimpo está relacionado à poluição dos rios que estão em volta da cidade. Como se pode verificar na fala de FC2, foram os imigrantes que poluíram esses rios.

“[...] na na posição qui a genti qui a genti si encontra é descida qui a genti fala... intão essi riu Tapajós eli era// eli tinha uma água muito linda... mais muito linda mesmu tão limpa tão limpa qui quando na infância quando a genti//... quando eu era piquena im... aqui antes da abertura da istrada da Transamazônica qui a istrada da da Trasamazônica a abertura dela veiu dá pur volta di... ((toca o telefone)) di... di setenta mais ô menus pu raí... até intão... aqui a nossa cidadi eram// ((gagueja)) erámus SÓ pessoas mesmu DAQUI... da cidadi pessoas tradicionais intão cum a abertura da Transamazônica cumeçô imigrantis no destinu sulistas daqui dali né?... i hoji a população tá du jeitu qui tá é notóriu di toda cidadi qui evolui

né? mais só qui... cum essa chegada dessi pessual aí cumeçô as invasões di garimpu... intão u nossu RIU eli passô a ficá assim... cum as água muito poluída... tão suja tão suja di forma qui... até pra genti mermu moradô aqui tomá banhu tá difícil da genti tomá banho [...]” (MC2)

Trata-se de um *progresso* indesejado. O garimpo em Itaituba causou muitos males ao meio ambiente. De acordo com Miranda et al. (1997), a atividade econômica de base das cidades da Amazônia era a agropecuária. Com o advento do garimpo, houve significativa queda nessa produção. Isso provocou o aumento do preço dos gêneros alimentícios, o que exerceu impacto sobre o padrão alimentar da população. Some-se a isso o aumento dos preços nos setores imobiliário, comercial e de transporte. Os impactos ambientais que a atividade garimpeira trouxe para Itaituba, de acordo com dados de Miranda et al. (1997), estendem-se a todos os segmentos do meio-ambiente: solo, água, ar, flora e fauna.

De acordo com Silva (1997), a atividade garimpeira é responsável por grandes danos ao meio ambiente. Esse problema é intensificado pela falta de condições de higiene nos acampamentos que faz do garimpo foco das mais diversas doenças. Os garimpeiros, quando conseguem sobreviver a essas moléstias, são trazidos para a cidade a fim de receberem atendimento médico, o que coloca em risco mesmo a população da zona urbana.

Os entrevistados mais escolarizados geralmente fazem alusão a essa de-

gradação ambiental de forma ressentida. Isso pode, talvez, ajudar a explicar a alta probabilidade de aplicação da regra em sua fala. É possível que os indivíduos mais escolarizados estejam mais atentos às degradações ambientais, assim, o uso da variante palatalizada pode ter sido intensificada como uma forma de protesto à atividade garimpeira e aos principais envolvidos nela, os garimpeiros. Os itaitubenses usariam essa variante como forma de afirmar que não integram o grupo que responsabilizam pela degradação ambiental, já que em sua fala pressupõem que não são os itaitubenses que o fazem.

Some-se a isso, o fato de a contrapartida do garimpo para a cidade ser praticamente insignificante. Como afirma Silva (1997), esse tipo de atividade não traz resultados econômicos significativos para o espaço onde é desenvolvido, pois, geralmente, o ouro e as gemas não são beneficiados na própria localidade. Essa falta de organização e investimentos locais levaram a que a atividade garimpeira desenvolvida em Itaituba iniciasse, a partir da década de 90, um período de crise que é comemorado por parte da população itaitubense. De acordo com Silva (1997: 4):

“Para muitos que se posicionam de forma crítica em relação à existência do próprio garimpo – pelas suas formas violentas de impactos ambientais, deformações sociais e agravos potenciais à saúde das populações envolvidas – essa diminuição da atividade garimpeira, independente de suas causas, é comemorada com satisfação.”

Embora se saiba que os problemas referentes ao garimpo guardam relação com questões sociais mais gerais e complexas, os itaitubenses relacionam esses problemas aos imigrantes garimpeiros que, normalmente, são culpados pelos problemas sociais e ambientais que decorrem desse tipo de atividade.

QUATRO FORMAS VARIANTES E IDENTIDADE: O LOCAL E O INVASOR

Essa breve avaliação da concepção dos itaitubenses sobre o garimpo e seus trabalhadores, mais especialmente sobre os nordestinos maranhenses, pode ser uma pista para a compreensão da alta probabilidade de aplicação da regra de palatalização no falar itaitubense. O modo itaitubense de falar seria, assim, uma forma de marcador social, já que a variante alveolar parece marcar o falar do nordestino, indivíduo diretamente relacionado ao garimpo.

De acordo com Labov (1976), alguns comportamentos linguísticos refletem os processos sociais. Trata-se de uma relação entre o linguístico e o social em que o significado das variantes linguísticas, ou melhor, das variantes sociolinguísticas, pode funcionar como índice de ambição, evolução, segregação, rejeição, dentre outros. O autor acrescenta que a variação linguística caracteriza os conceitos fundamentais da sociedade e que a comunidade linguística se define menos por um acordo explícito quanto ao uso dos elementos da linguagem do que por meio do uso comum de um conjunto de normas. Isso pode ser observado,

segundo o autor, por meio da avaliação que esses grupos realizam, bem como por meio da uniformidade dos esquemas de variação. O esquema e a avaliação mencionados podem ser flagrados nos dados de fala dos itaitubenses desta pesquisa⁶.

A inibição da palatalização foi flagrada principalmente na fala dos falantes que trabalharam no garimpo e que apresentam baixa escolaridade (MA e MB)⁷. É, em geral, na fala dos que não desenvolveram atividades garimpeiras e que apresentam mais escolaridade que ocorre alto índice de aplicação da regra, conforme se pode visualizar na Tabela 2.

O fato de aqueles indivíduos, homens pouco ou não-escolarizados, serem garimpeiros explica o uso da forma não-palatalizada [l]; ela se constitui a marca do seu grupo. Por isso, os grupos avaliados reagem de maneira diferenciada à palatalização.

De outra parte, a acentuada palatalização de /l/ no falar itaitubense, principalmente dos mais escolarizados, pode ser relacionada ao fato de [λ] se constituir uma variante que parece não sofrer estigma mesmo fora de Itaituba. O uso dessa variante já pode ser produtivamente encontrado nos telejornais locais produzidos na capital. Uma observação assistemática dessas programações revelou isso. Mota (1995) assinala que as africadas (baianas) são estigmatizadas enquanto as africadas (cariocas) não o são. A autora relaciona isso ao fato de essa última se constituir marca de uma fala prestigiada socialmente, a fala carioca.

Tabela 2
Escolaridade *versus* idade

Fatores ⁷	Ocorrências	P. Relativo
MA	188/287	.23
MB	157/221	.27
MC	140/145	.81
FA	232/298	.34
FB	312/323	.82
FC	216/241	.58
<i>Input</i>	-	.88

Os resultados obtidos corroboraram as expectativas construídas para esta pesquisa, pois se esperava encontrar favorecimento da forma palatalizada em Itaituba, mas, por outro lado, causaram surpresa, pois esse favorecimento foi extremamente alto, com *input* igual a .86. Ora, Itaituba está localizada numa região extremamente longe da capital. O meio de transporte geralmente praticado por sua população é o fluvial, pois é o mais barato. Gastam-se, em média, de quatro a cinco dias para se ir de Itaituba a Belém. Geralmente as cidades localizadas ao Sul e ao Sudeste do Pará, dada a extensão desse Estado e o grande fluxo migratório por causa das atividades lá desenvolvidas, não apresentam muitas semelhanças com os costumes praticados na Região Metropolitana de Belém. O descaso das autoridades estaduais, cuja sede fica localizada na capital, tem sido o argumento de vários municípios dessas regiões para a formação de novos Estados. Um deles seria o Estado do Tapajós⁸. Alguns moradores dos municípios que compõem a região do Tapajós dizem que são preteridos

pelo Estado. A distância da capital e os problemas que dela decorrem levaram a que se pensasse que a palatalização, que parece se constituir uma marca do falar belenense, não seria tão produtivo no falar de Itaituba. Entretanto, a afirmação da identidade itaitubense sobrepujou esses inconvenientes⁹.

Para finalizar, cabe ressaltar que, como diz Labov (1976), num processo de mudança fonética, a variante linguística se integra às normas que definem uma dada comunidade e a reação ao seu uso vai se tornando uniforme, sem ser, necessariamente, consciente. Ela passa a se constituir um marcador e adquire valor estilístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que em Itaituba, tal como registrado por Labov (1976) para a centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, tem-se um fenômeno linguístico que guarda estreita relação com a expressão de resistência aos imigrantes (garimpeiros). Assim, readaptando-se sua conclusão para a fala de Martha's Vineyard, pode-

se dizer que cada vez que um falante palataliza, coloca, inconscientemente, o fato de que é filho de Itaituba, que é nascido lá e que dela faz parte.

Os resultados apresentados e sua interpretação confirmam o pressuposto sociolinguístico segundo o qual é impossível se compreender a variação e a mudança linguística fora do meio social no qual é produzida. As variantes de /l/ produzidas pelos falantes de Itaituba são de fato sociolinguísticas, pois carregam em si o valor linguístico e social dos grupos que a utilizam.

NOTAS

¹ Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi et al. 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al. 1977), Atlas Linguístico de Sergipe (Rollemberg et al. 1987), que caracterizam os falares baianos, segundo Nascentes (1953), Atlas Linguístico da Paraíba (Aragão 1985), Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera 1994), Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul (Kock et al. 2002), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (Razky 2003), Atlas Linguístico de Sergipe II (Cardoso 2005), Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz 2004) e Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (D. P. Oliveira 2008).

² Os pesos relativos são dados estatísticos que indicam a probabilidade de ocorrência das variantes de uma variável. O peso relativo abaixo de .50, numa rodada binária, indica que a variável independente a que se refere esse peso desfavorece a aplicação de determinada regra variável.

³ O *input*, medida global do índice de aplicação da regra, igual a .86, indica que essa regra apresenta alta probabilidade de aplicação no falar itaitubense, visto que o favorecimento de uma regra se inicia em .50 e

tem sua atuação categoria em 100.

⁴ Benchimol (1989) assinala que durante a ocupação da Amazônia os nordestinos eram apelidados, denominados cearenses. Parece que em Itaituba, atualmente, o maranhense, de forma generalizada, é o termo usado para nomear o garimpeiro.

⁵ O levantamento bibliográfico realizado já mostrou a predominância da variante [l] alveolar no falar de alguns espaços nordestinos. Pesquisa realizada por Ramiro Azevedo, Maria do Socorro Vieira e Elenice Bezerra Melo, na década de 70, aponta a inexistência da variante palatalizada [λ] na fala dos moradores de Raposa, cidade do Maranhão. Pesquisa realizada por Ramos e Bezerra, em 2003, também aponta a inexistência dessa variante na localidade referida. De outra parte, essa pesquisa aponta a despalatalização de /λ/ e a palatalização das oclusivas /t d/ (cf. Ramos & Bezerra 2005).

⁶ A rejeição que os maranhenses recebem em algumas áreas garimpeiras é, em alguns casos, totalmente consciente. Em pesquisa realizada no sudeste paraense, um rapaz maranhense, quando perguntado sobre sua naturalidade, disse que tinha nascido no Maranhão, mas que era paraense, pois morava há muito tempo na cidade de Rondon-PA. Completou que geralmente diz ser paraense, pois alguns nativos do Pará não ficavam muito felizes com a presença de maranhenses naquela região.

⁷ M e F, respectivamente, masculino e feminino. A, B e C, não-escolarizado, ensino fundamental e ensino médio respectivamente.

⁸ Tramita, atualmente, no Congresso Nacional, a proposição de criação do Estado do Tapajós, de autoria do senador Mozarildo Cavalcanti. Dentre os municípios que deverão compor o novo Estado está a cidade de Itaituba. Para detalhes sobre

a tramitação, consultar proposição PDC-731/2000. Atualmente, os separatistas têm-se utilizado desse argumento para ganhar votos entre aqueles que são a favor da divisão do Estado (cf. www.orm.com.br/oliberal). Existe também proposição de criação de outro Estado no Pará, a saber, o Estado do Carajás. A região de Carajás apresenta características bastante diferentes das demais regiões do Pará. Lá, de acordo com uma observação preliminar, a partir da coleta de dados para o ALiB, percebeu-se que a forma não palatalizada é a mais comum. Apesar de essa área ser também caracterizada pela presença de imigrantes nordestinos, em função da presença de recursos minerais, a relação com o garimpo é bastante diferente da verificada na região do Tapajós devido à atuação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Uma parcela significativa de imigrantes advém do Sul, Sudeste do país e de outros países. Uma das cidades construídas pela CVRD é considerada uma pequena cidade europeia dentro do Pará. É necessário se pedir autorização para entrar nessa cidade construída pela CVRD. Nos garimpos de Itaituba, a atividade garimpeira é marcada pela informalidade. A relação de trabalho é baseada na participação na produção. Assim, 30% da produção é dividida entre os garimpeiros, 20% é destinada ao dono da terra e 50% ao dono do garimpo. Quando o dono da terra é também dono do garimpo, seu lucro é de 70%.

⁹ Outro dado confirma a força de fatores sociais sobre a acentuada palatalização de /l/ em Itaituba. Diz respeito a aspectos articulatórios. Como é sabido, a pronúncia de [l] envolve menos força articulatória do que a de [ʎ]. Este segmento apresenta mais constricção, dupla articulação, assim, sua articulação implica mais dificuldade quando de sua realização, sendo considerado um fonema complexo. Mesmo assim, os falantes de Itaituba optam por essa articulação

dificultada, já que é ela que está carregada da identidade que manifestam na língua e pela língua. Nesse sentido, a lei do menor esforço, difundida pelos neogramáticos e usada para explicar a mudança fonética, fica enfraquecida, podendo-se depreender, daí, como diz Pagotto (2003), que não é o linguístico que detona a variação e a mudança linguísticas, mas que ele apresenta fendas que a acolhe.

REFERÊNCIAS

- Aguilera, V. 1994. *Atlas Linguístico do Paraná*. Universidade Federal do Paraná. Londrina.
- Aragão, M. S., C. P. B. Menezes. 1985. *Atlas Linguístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas*. Brasília: UFPB/CNPq-Coordenação Editorial.
- Benchimol, S. I. 1989. Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical, in *Encontro Regional de Tropicologia, Anais 2*, pp. 115-144. Recife: Massangana.
- Cardoso, S. A. M. 2005. *Atlas linguístico de Sergipe-II*. Salvador: ADUFBA. vol. I.
- Cruz, M. L.C. 2004. *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Ferreira, C., J. Freitas, J. Mota, N. Andrade, S. Cardoso, V. Rollemberg, e N. Rossi. 1987. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- Kock, W., M. S. Klassmann, e C. V. Altenhofen. 2002. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul: Introdução*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRG/Ed. UFSC/Ed. UFPR. vol. I.
- Kock, W., M. S. Klassmann, e C. V. Altenhofen. 2002. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed.

UFRG/Ed. UFSC/Ed. UFPR. vol. II.

Labov, W. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Press.

_____. 1976. *Sociolinguistique*. Paris: Édition de Minuit.

Luckesi, D. 2001. O tempo aparente e as variáveis sociais. *Boletim da ABRALIN* 26: 135-137.

Miranda, J. G., M. Cipriani, R. A. C. Mártires e W. J. Giacconi. 1997. Atividades garimpeiras no Brasil: Aspectos técnicos, econômicos e sociais, vol. 38. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq - Centro de Tecnologia Mineral.

Mota, J. 1995. Variantes palatais do português do Brasil, in G. Ruffino. *Atti Del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Università di Palermo. Centro di studi filologici e linguistici siciliani. Pp. 475-483.

Nascentes, A. 1953. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil vol. 2*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa.

Oliveira, D. P. 2008. *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, Mato Grosso do Sul – Editora UFMS.

Oliveira, M. B. 2007. *Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

Ramos, C. M. A., J. R. Bezerra. 2005. A comunidade de Raposa revisitada, in *O português falado no Maranhão*, pp. 36-46. Editado por C. M. A. Ramos, M. A. Conceição, J. R. Bezerra e M. F. S. Rocha. São Luís: Edufma.

Razky, A. 2003. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Belém: UFPA.

Ribeiro, J. et al. 1977. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. vol. I.

Rossi, N. 1963. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL.

Santos, L. F. 1997. Realização das Oclusivas /T/ e /D/ na fala de Maceió, in D. Moura (Org.) *Variação e Ensino*. Maceió: EDUFAL. Pp. 69-90.

Silva, A. P. 1997. *Projeto Itaituba: Programa de Desenvolvimento de Tecnologia Ambiental*. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq.

Tasca, M. 2002. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica, in *Fonologia e Variação: recorte do português brasileiro*, pp. 269-302. Editado por L. Bisol e C. Brescancini. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Recebido em 09/03/2010.

Aprovado em 30/08/2010.